

Gabriel García Márquez



CONTOS COMPLETOS
(1947-1992)



D. QUIXOTE

Os Funerais da Mamã Grande (1962)

- A sesta de terça-feira (1962) 15
Um dia destes (1962) 27
Neste povoado não há ladrões (1962) 33
A tarde prodigiosa de Baltazar (1962) 71
A viúva de Montiel (1962) 83
Um dia depois do sábado (1962) 93
Rosas artificiais (1962) 125
Os funerais da Mamã Grande (1962) 135

A Incrível e Triste História da Cândida Eréndira e da Sua Avó Desalmada (1972)

- Um senhor muito velho com umas asas enormes (1968) 161
O mar do tempo perdido (1961) 173
O afogado mais bonito do mundo (1968) 197
Morte constante para além do amor (1970) 207
A última viagem do Navio Fantasma (1968) 221
Blacamán o Bom, vendedor de milagres (1968) 231
A incrível e triste história da cândida Eréndira e da sua avó desalmada (1972) 245

Olhos de Cão Azul (1974)

- A terceira resignação (1947) 311
Eva está dentro do seu gato (1947) 325
Tubal-Caín inventa uma estrela (1948) 341

A outra costela da morte (1948)	355
Diálogo do espelho (1949)	369
Amargura para três sonâmbulos (1949)	381
Natanael faz uma visita (1950)	389
Olhos de cão azul (1950)	403
A mulher que chegava às seis (1950)	415
A noite dos alcaravões (1950)	433
Alguém desarruma estas rosas (1950)	441
Nabo, o negro que fez esperar os anjos (1951)	449
Um homem chega debaixo de chuva (1954)	463
Monólogo de Isabel vendo chover em Macondo (1955)	471

Doze Contos Peregrinos (1992)

Porquê doze, porquê contos e porquê peregrinos	485
Boa viagem, senhor presidente (1979)	495
A santa (1981)	529
O avião da Bela Adormecida (1982)	549
Alugo-me para sonhar (1980)	559
«Só vim fazer um telefonema» (1978)	571
Surpresas de Agosto (1980)	595
Maria dos Prazeres (1979)	603
Dezassete ingleses envenenados (1980)	623
Tramontana (1982)	643
O feliz verão da senhora Forbes (1976)	653
A luz é como a água (1978)	673
O rasto do teu sangue na neve (1976)	681



O comboio saiu do trepidante corredor de rochas vermelhas, penetrou nas plantações de bananeiras, simétricas e intermináveis, e o ar tornou-se húmido e não se voltou a sentir a brisa do mar. Uma fumarada sufocante entrou pela janela da carruagem. Viam-se carros de bois carregados de cachos verdes no estreito caminho paralelo à via férrea. Do outro lado, em inesperados espaços não semeados, havia escritórios com ventiladores elétricos, construções de tijolo vermelho e moradias com cadeiras e mesinhas brancas em terraços situadas entre palmeiras e roseiras cobertas de poeira. Eram onze da manhã e o calor ainda não tinha começado.

– É melhor levantares o vidro – disse a mulher. – Vais ficar com o cabelo todo sujo de carvão.

A menina tentou fazê-lo, mas a janela estava emperada devido à ferrugem.

Eram os únicos passageiros da modesta carruagem de terceira classe. Como o fumo da locomotiva continuou a entrar pela janela, a menina levantou-se do banco e colocou nele os únicos objetos que traziam: um saco de plástico com algumas coisas para comer e um ramo de

flores envolvido em papel de jornal. Sentou-se no banco fronteiro, afastada da janela, em frente da mãe. Ambas guardavam um luto rigoroso e pobre.

A menina tinha doze anos e viajava pela primeira vez. A mulher parecia velha de mais para ser mãe dela, por causa das veias azuis das pálpebras, e do corpo pequeno, franzino e sem formas, metido num vestido talhado como uma sotaina. Viajava com a coluna vertebral firmemente apoiada nas costas do assento, segurando no regaço, com ambas as mãos, uma bolsa de verniz sem brilho. Tinha a escrupulosa serenidade da pessoa acostumada à pobreza.

O calor tinha começado ao meio-dia. O comboio parou dez minutos numa estação sem povoação a fim de se abastecer de água. Lá fora, no misterioso silêncio das plantações, a sombra tinha um aspeto limpo. Todavia, o ar fechado na carruagem cheirava a coiro por curtir. O comboio não tornou a acelerar. Deteve-se em duas povoações iguais, com casas de madeira pintadas de cores vivas. A mulher inclinou a cabeça e mergulhou na sonolência. A menina descalçou os sapatos e depois foi aos sanitários deitar água no ramo de flores mortas.

Quando regressou ao assento, a mãe esperava-a para comerem. Deu-lhe um pedaço de queijo, meio pão de milho e uma bolacha, e tirou do saco de plástico, para ela, uma ração igual. Enquanto comiam, o comboio atravessou muito devagar uma ponte de ferro e passou a certa distância de uma povoação igual às anteriores, com a única diferença de que nesta havia uma multidão na praça. Um grupo de músicos executava uma peça alegre, sob o sol abrasador. Do outro lado da povoação,

numa planície fendida pela aridez, terminavam as plantações.

A mulher parou de comer.

– Calça os sapatos – disse.

A menina olhou para o exterior. Nada mais viu além da planície deserta por onde o comboio voltava a correr de novo, mas meteu no saco o resto da bolacha e calçou prontamente os sapatos. A mulher deu-lhe um pente.

– Penteia-te.

O comboio começou a apitar enquanto a menina se penteava. A mulher enxugou o suor do pescoço e limpou a gordura da cara com os dedos. Quando a menina acabou de se pentear, o comboio passou diante das primeiras casas de uma povoação maior mas mais triste do que as anteriores.

– Se tens vontade de fazer alguma coisa, faz agora – disse a mulher. – Depois, mesmo que estejas a morrer de sede, não bebas água em lado nenhum. E sobretudo não te ponhas a chorar.

A menina assentiu com a cabeça. Entrava pela janela um vento ardente e seco, misturado com o apitar da locomotiva e o estrépito das velhas carruagens. A mulher enrolou o saco com os restos dos alimentos e meteu-o na bolsa. Por instantes, a imagem de toda a povoação surgiu resplandecente na janela, naquela luminosa terça-feira de agosto. A menina enrolou as flores nas folhas de papel de jornal molhadas, afastou-se um pouco mais da janela e olhou para a mãe fixamente. Esta retribuiu-lhe o olhar com uma expressão tranquila. O comboio apitou e reduziu a marcha. Imobilizou-se momentos depois.

Não havia ninguém na estação. Do outro lado da rua, no passeio sombreado pelas amendoeiras, somente

estava aberto o salão de bilhar. A povoação flutuava no calor. A mulher e a menina desceram do comboio, atravessaram a estação abandonada, cujos ladrilhos começavam a rachar devido à pressão da erva, e cruzaram a rua até ao passeio à sombra.

Eram quase duas horas. Àquela hora, oprimida pela sonolência, a povoação dormia a sesta. Os armazéns, as repartições públicas, a escola municipal, encerravam a partir das onze e não tornavam a abrir senão um pouco antes das quatro, quando passava o comboio no sentido oposto. Apenas se mantinham abertos o hotel situado em frente da estação, o seu restaurante e o seu salão de bilhar, e o escritório do telégrafo, num canto da praça. As casas, construídas na sua maioria segundo o modelo da companhia bananeira, tinham as portas fechadas por dentro e as persianas descidas. Fazia tanto calor em algumas delas que os moradores almoçavam no pátio. Outros levavam um assento para a sombra das amendoeiras e faziam a sesta sentados em plena rua.

Procurando sempre a sombra das amendoeiras, a mulher e a menina entraram na povoação sem perturbar a sesta. Dirigiram-se diretamente à sede paroquial. A mulher bateu levemente com a unha na rede metálica da porta, esperou um momento e tornou a bater. Lá dentro, zumbia uma ventoinha elétrica. Não se ouviram passos. Ouviu-se somente o ranger de uma porta e a seguir uma voz cautelosa, muito próxima da rede metálica: «Quem é?» A mulher tentou ver através da rede metálica.

- Preciso de falar com o padre.
- Agora está a dormir.
- É urgente – insistiu a mulher.

A voz dela tinha uma tenacidade tranquila.

A porta entreabriu-se sem ruído e apareceu uma mulher madura e atarracada, de pele muito pálida e cabelos cor de ferrugem. Os olhos pareciam demasiado pequenos por trás das grossas lentes dos óculos.

– Entrem – disse, e acabou de abrir a porta.

Conduziu-as a uma sala impregnada de um cheiro antigo a flores. A mulher da casa levou-as até um banco de espaldar e fez-lhes sinal para se sentarem. A menina obedeceu, mas a mãe permaneceu de pé, absorta, com a bolsa agarrada com as duas mãos. Não se distinguia qualquer ruído por detrás do som da ventoinha elétrica.

A mulher da casa apareceu na porta do fundo.

– Ele diz que voltem depois das três – disse em voz muito baixa. – Deitou-se há cinco minutos.

– O comboio parte às três e meia – disse a mulher.

Foi uma réplica breve e segura, mas a voz dela continuava a ser tranquila, rica em inflexões. A mulher da casa sorriu pela primeira vez.

– Está bem – disse.

Quando a porta do fundo tornou a fechar-se, a mulher sentou-se ao lado da filha. A estreita sala de espera era pobre, arrumada e limpa. Do outro lado de uma balaustrada que dividia a sala, havia uma mesa de trabalho, muito simples, com uma toalha de oleado, e em cima da mesa uma velha máquina de escrever junto de uma jarra com flores. Por trás, estavam os arquivos paroquiais. Notava-se que era um gabinete cuidado por uma mulher solteira.

Abriu-se a porta do fundo e apareceu o sacerdote, a limpar os óculos com um lenço. Só quando os pôs se tornou evidente que ele era irmão da mulher que tinha aberto a porta.

– Que deseja? – perguntou.

– As chaves do cemitério – disse a mulher.

A menina estava sentada com as flores no colo e os pés cruzados debaixo do banco. O sacerdote olhou para ela, depois olhou para a mulher, e depois, através da rede metálica da janela, para o céu brilhante e sem nuvens.

– Com este calor – disse. – Era melhor esperarem que o sol baixasse.

A mulher abanou a cabeça em silêncio. O sacerdote passou para o outro lado da balaustrada, tirou do armário um caderno forrado de oleado, uma caixa de madeira com canetas e um tinteiro, e sentou-se à mesa. O cabelo que lhe faltava na cabeça sobrava-lhe nas mãos.

– Que sepultura vão visitar? – perguntou.

– A de Carlos Centeno – disse a mulher.

– De quem?

– De Carlos Centeno – repetiu a mulher.

O padre continuou sem perceber.

– É o ladrão que mataram aqui, na semana passada – disse a mulher sem alterar a voz. – Sou a mãe dele.

O sacerdote observou-a com atenção. Ela olhou-o fixamente, tranquilamente senhora de si, e o padre ruborizou. Inclinou a cabeça para escrever. À medida que preenchia a folha, pedia à mulher elementos de identificação, e ela respondia sem hesitações, com pormenores precisos, como se estivesse a ler. O padre começou a suar. A menina desapertou a presilha do sapato esquerdo, descalçou o calcanhar e apoiou-o no contraforte. Fez o mesmo com o direito.

Tudo tinha principiado na segunda-feira da semana anterior, às três da madrugada e a poucos quarteirões

dali. A senhora Rebeca, uma viúva solitária, que vivia numa casa cheia de trastes velhos, apercebeu-se, apesar do ligeiro ruído da chuva, de que alguém tentava forçar a porta da rua. Levantou-se, foi às apalpadelas procurar no guarda-vestidos um revólver arcaico, que ninguém tinha disparado desde os tempos do coronel Aureliano Buendía, e encaminhou-se para a sala sem acender as luzes. Orientando-se menos pelo ruído da fechadura do que por um terror desenvolvido dentro dela por vinte e oito anos de solidão, localizou na imaginação não só o sítio onde estava a porta mas ainda a altura exata da fechadura. Segurou a arma com as duas mãos, fechou os olhos e premiu o gatilho. Era a primeira vez na sua vida que disparava um revólver. Logo a seguir à detonação nada mais ouviu senão o murmúrio do chuvisco no telhado de zinco. Depois escutou o som de um objeto metálico caindo no passeio de cimento e uma voz muito baixa e tranquila, mas muitíssimo cansada: «Ai, minha mãe.» O homem que amanheceu morto diante da casa, com o nariz despedaçado, vestia uma camisa às riscas coloridas, uma calças ordinárias com uma corda a fazer de cinto, e estava descalço. Ninguém o conhecia na povoação.

– Com que então chamava-se Carlos Centeno – murmurou o padre quando acabou de escrever.

– Centeno Ayala – disse a mulher. – Era o único varão.

O sacerdote acercou-se de novo do armário. Penduradas num prego no interior da porta achavam-se duas chaves grandes e enferrujadas, como imaginava a menina e como imaginava a mãe quando era menina e como deve ter imaginado alguma vez o próprio sacerdote que seriam as chaves de São Pedro. Pegou nelas,

colocou-as sobre o livro aberto em cima da balaustrada e apontou com o indicador um local na página escrita, olhando para a mulher.

– Assine aqui.

A mulher garatujou o nome, segurando a bolsa debaixo da axila. A menina pegou nas flores, aproximou-se da balaustrada e observou atentamente a mãe.

O padre suspirou.

– Nunca tentou fazê-lo entrar no bom caminho?

A mulher respondeu, quando acabou de assinar.

– Era um homem muito bom.

O sacerdote olhou atentamente para a mulher e para a menina e verificou com uma espécie de piedosa estupefação que não estavam prestes a chorar.

A mulher continuou, sem se alterar:

– Eu dizia-lhe que nunca roubasse nada que fizesse falta a alguém para comer e ele dava-me ouvidos. Em contrapartida, dantes, quando jogava boxe, passava às vezes três dias na cama prostrado pelos socos.

– Teve de arrancar os dentes todos – interveio a menina.

– É verdade – confirmou a mulher. – Cada bocado que eu comia nesse tempo tinha o gosto das bordoadas que davam ao meu filho nos sábados à noite.

– A vontade de Deus é inescrutável – disse o padre.

Falou, porém, sem muita convicção, em parte porque a experiência o tornara um pouco cético, em parte por causa do calor. Recomendou-lhes que protegessem a cabeça para evitar alguma insolação. Indicou-lhes, bocejando, e quase a dormir, o que deviam fazer para encontrar a sepultura de Carlos Centeno. No regresso, não era preciso baterem à porta. Deviam meter a chave por baixo da porta, e deixar também ali, se tivessem, uma

esmola para a Igreja. A mulher ouviu as explicações com muita atenção, mas agradeceu sem sorrir.

Antes de abrir a porta da rua, o padre deu-se conta de que havia gente a olhar lá para dentro, com os narizes esborrachados contra a rede metálica. Era um grupo de rapazinhos. Quando abriu completamente a porta, as crianças dispersaram. Habitualmente, não havia ninguém na rua àquela hora. Naquele momento, não estavam ali só crianças. Havia grupos debaixo das amendoeiras. O padre examinou a rua distorcida pela reverberação e então compreendeu. Voltou a fechar suavemente a porta.

– Esperem um minuto – disse, sem olhar para a mulher.

A irmã apareceu na porta do fundo, com um casaco preto por cima da camisa de dormir e o cabelo solto sobre os ombros. Fitou o padre em silêncio.

– Que foi? – perguntou ele.

– As pessoas perceberam – murmurou a irmã.

– É melhor saírem pela porta do pátio – disse o padre.

– É a mesma coisa – volveu a irmã. – Está toda a gente à janela.

A mulher parecia até então não ter compreendido. Espreitou a rua através da rede metálica. Depois tirou o ramo de flores à menina e começou a encaminhar-se para a porta. A menina seguiu-a.

– Esperem até o sol estar mais baixo – disse o padre.

– Vão ficar derretidas – disse a irmã, imóvel no fundo da sala. – Esperem, que eu empresto-lhes uma sombrinha.

– Obrigada – replicou a mulher. – Vamos bem assim.

Pegou na mão da menina e saiu para a rua.

